

1989

PAULOBOL

# ID Interiores & Design

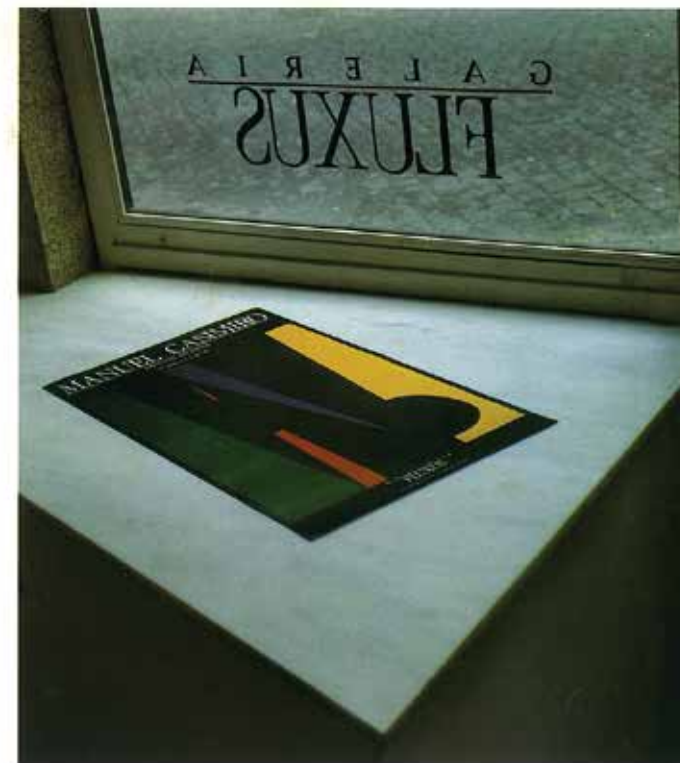
REVISTA MENSAL DE ARQUITECTURA DE INTERIORES, DESIGN E ARTE

n.º 1, Agosto de 1989 • 500\$00



## DO MOVIMENTO, DA TRANSFORMAÇÃO

fotografia: Carlos de Vasconcelos e Sa



Foi inaugurada, no Porto, a Galeria Fluxus.

O espaço foi desenvolvido magistralmente por José Morais, que soube integrar numa antiga oficina armazém de estuador os requisitos funcionais para a exposição de obras de arte, aproveitando e gozando a traça de um edifício do século passado.

A Galeria Fluxus, igualmente dirigida por José Morais, está associada à famosa Lelong, de Paris, e apresenta uma filosofia algo inovadora no nosso meio. São os termos dessa filosofia de intenções que a seguir transcrevemos.

Fluxo, do latim Fluxus, é uma palavra que associamos ao acontecimento, ao que ocorre ou ao que flui: ao que vai de um ponto até ao outro como movimento e como transformação.

É esta ideia dupla de movimento e de transformação que está ligada ao aparecimento desta galeria de arte.



No espaço principal da Galeria Fluxus a mesa LC6 de Le Corbusier e cadeiras de Philippe Starck; ao fundo, uma escultura em madeira de Alberto Carneiro

Num pequeno átrio contíguo um espaço-livraria onde, em expositores desenhados por José Morais, se mostram livros de arte, catálogos, etc., em elucidativa escolha bibliográfica

O movimento das artes, fluxo por excelência de ideias e de acontecimentos é também o terreno de uma permanente transformação: transformação que está, indissociavelmente, ligada à transformação mais geral das mentalidades e dos costumes e, por tabela, à transformação do próprio mundo.

As obras de arte fluem de encontro ao tempo indeterminada, determinadas e determinantes por relação com as situações, inseminadas do que, no tempo em que acontecem, lhe é mais essencial. São acontecimentos no tempo que, para além de todas as contingências circunstanciais ou conjunturais, deixam a marca única e permanentemente renovada do momento em que ocorreram.

Assim também Fluxus surge, enquanto projecto de galeria de arte, com a intenção de dar conta, na medida das suas possibilidades, do que acontece na arte contemporânea e nela, desse trânsito, cada vez mais desejado, que fundamenta o diálogo possível entre as várias culturas em presença.







Leituras diversas de um espaço que se interpenetra da, e na, pintura que se expõe: nestas fotografias é a pintura de **Manuel Casimiro**

**S/TÍTULO**, 1989  
Acrílico sobre tela  
114x146 cm



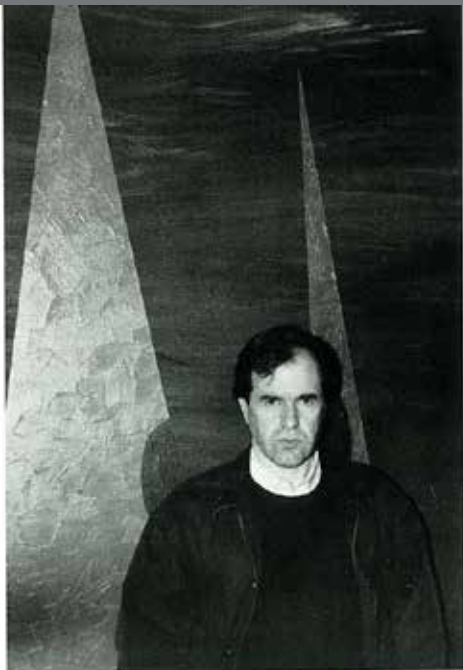
Ao projecto de mostrar obras determinantes na arte contemporânea, associa-se o de tentar projectar no horizonte cada vez mais largo da cultura actual numa dimensão

internacional a obra dos artistas portugueses com que trabalha. Só assim poderá gerar movimento e, com este, a transformação

**S/TÍTULO**, 1989  
Acrílico sobre tela  
114x146 cm







**MANUEL CASIMIRO**  
fotografia de Manuel Aguiar

Manuel Casimiro nasceu em 1941, e vive e trabalha desde 1976 em Nice.

A sua primeira exposição individual data de 1968, e realizou-se na Galeria Interior, em Lisboa. Tem exposto em Portugal e no estrangeiro, com relevo para exposições em Nice, em 1979 na Galerie Anne Roger, e em 1986 na livraria-galeria Matarasso.

Participou em diversas exposições colectivas, desde Lausana, Paris e Barcelona até São Paulo, Nova Iorque e Tóquio. Vários críticos portugueses e estrangeiros têm escrito sobre a sua obra, sendo de destacar nomes como Eduardo Lourenço, Jean François Lyotard, Vincent Descombes, Alain Jacquard e Michel Butor.

**S/TÍTULO**, 1989  
Acrílico sobre tela  
97x130 cm



**S/TÍTULO**, 1989  
Acrílico sobre tela  
97x130 cm



**Alain Jacquard**  
no catálogo — tradução de  
Bernardo Pinto de Almeida

...No entanto, seja qual for o motivo escolhida, há traços de alquimia na grande obra de Manuel Casimiro: uma transmutação de cores, uma depuração da matéria, uma procura quase esotérica da tradição, uma magia dos números e, enfim, essa fórmula repetida, encantatória, no coração da criação: o signo do ouro.

**Ouro**

É o segredo de Manuel Casimiro, a fusão dos metais, o céu crivado de meteoros, o cometa, a boca desdentada do agre cósmico. É o ouro negro, a calcinação, o magma de cores em putrefação, o branco, o eclipse, a solução. É a destilação dos vermelhos, a tempestade dos ângulos, enfim, a aparição, o arcano, a sublimação.

**S/TÍTULO**, 1989  
Acrílico sobre tela  
114x146 cm



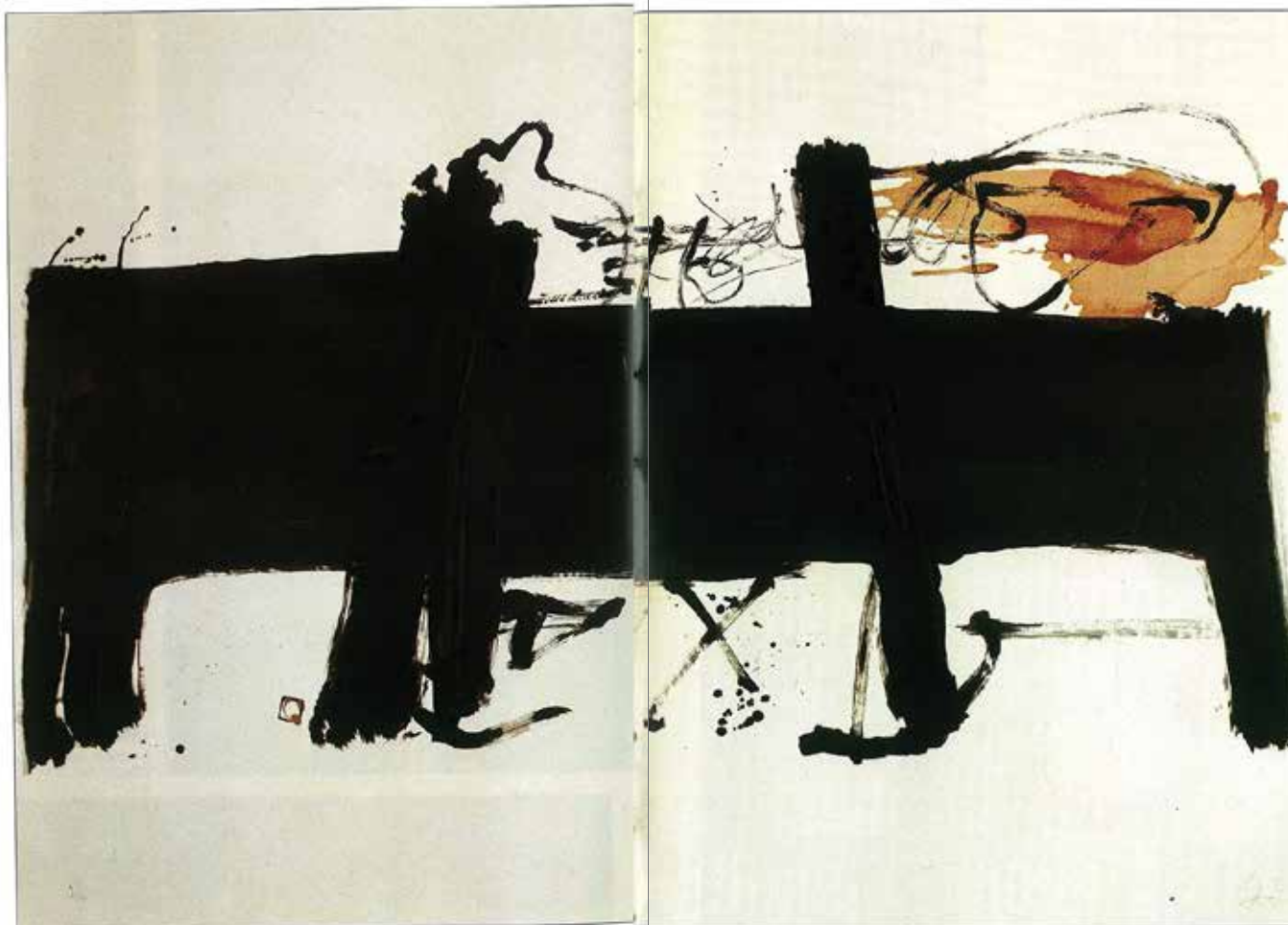


**ANTONI TÀPIES**  
Fotografia de Antoni Bernad

Em Março passado, o público passava pela primeira vez a porta do n.º125 da Rua do Rosário. Inaugurava-se a exposição do catalão Tàpies.



**OVAL VERMELHO E PRETO**  
Litografia  
77x58 (110x77,5 cm)



**A GRANDE MESA**  
Litografia  
155x106,8 cm

Um catálogo de inexcédível qualidade gráfica em que o texto, em memória de Luiz Jorge Neto, assinado por Bernardo Pinto de Almeida nos conduzia pela e para a obra de Tàpies, permitia-nos guardar, e voltar a visitar, a exposição. Texto denso pela soma de informações, mas de leitura atraente pelo equilíbrio e rigor da exposição. Da pintura de Tàpies, se pretendessemos uma sùmula, nada melhor definiria a relação estabelecida no alhó-la, no vé-la, que estas palavras de

Bernardo Pinto de Almeida. Quando olhamos para um quadro de Tàpies não sabemos, — talvez nunca possamos deixar de o sentir — se somos nós que o olhamos ou ele que nos olha. Alguma coisa existe em tensão. Tensão que se estabelece entre nós e o quadro, como uma impossibilidade de franquear, para lá dele, a distância que institui. O tema recorrente das portas na sua obra revela disso mesmo: são portas que dão sobre o inominado e o abissal.

#### Tàpies: uma breve biografia

Nascido em Barcelona em 1923 faz os seus primeiros estudos na Escola Alemã e no Colégio Balmes das Escolas Pias. Data de 1934 o seu interesse pela pintura e pelo desenho, sendo o seu primeiro contacto com a arte contemporânea feito através de revistas catalãs. Em 1940, devido a um acidente sofre uma crise cardíaca, e atravessando uma profunda crise espiritual retira-se para a montanha para convalescer. Durante dois anos copia quadros Van Gogh e

Picasso, ouve música e lê muito influenciado pelo pai iniciará, em 1943, os estudos de direito na Universidade de Barcelona que abandona anos depois para se consagrar à pintura. Estuda desenho na Academia Valls, mas, decepcionado, abandona-a para iniciar um período em que realiza obras em diversos materiais, num espírito provocativo próximo dos dadaístas. Em 1948 funda com um grupo de amigos, escritores e pintores, a revista *Dau al Set*, e expõe pela primeira vez, no Primeiro

Salão de Outubro em Barcelona. No seguinte integra a mostra colectiva patrocinada por *Cobalto 49* no Instituto Francês de Barcelona, expõe no Salão dos Onze em Madrid e visita Joan Miró. Data de 1950 a sua primeira grande exposição individual, organizada pelo historiador de arte José Maria Gudiol nas *Galerias Layetanas*, em Barcelona. Obtém uma bolsa do Instituto Francês de Barcelona para frequentar um curso na Cidade Universitária de Paris. No ano seguinte conhece Picasso, viaja pela Bélgica e pela Holanda. A partir de 1952 começa a expor nos grandes centros de arte, desde a Bienal



**NARIZ GRANDE**, 1984  
Litografia  
119,5x80 cm





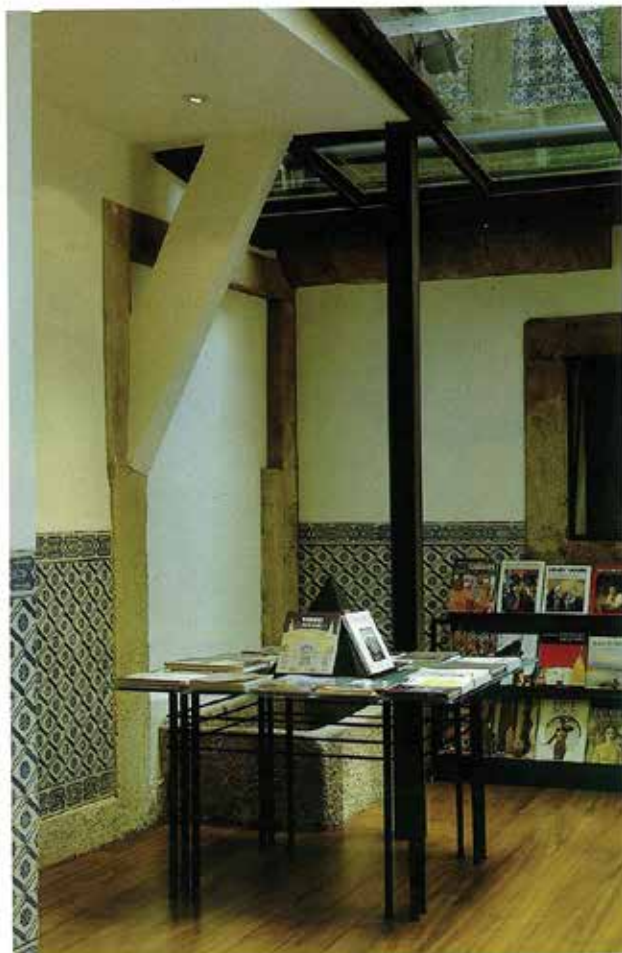
**M. BRANCO, 1987**  
Pintura sobre papel e tela  
140x96 cm

Exposições em 1989 da  
Galeria Fluxus:

Março/Abril — **Tapies**  
Abril/Maio — **Manuel Casimiro**  
Maio/Junho — **Alechinsky**  
Junho/Julho — **Colectiva de Pintura  
Portuguesa**



de Veneza, em 1952, Chicago, Madrid, Nova Iorque e São Paulo, em 1953. Individualmente, ou em mostras colectivas, Tapies passa a estar presente todos os anos nos grandes acontecimentos das artes plásticas, e a sua obra começa a suscitar o interesse dos ensaístas. Assim, em 1956, Michel Tapié publica *Antoni Tapié et l'oeuvre complète*. Iguamente se inicia a distinção da sua obra com diversos prémios, além de retrospectivas. Em 1964 é distinguido pela Fundação Guggenheim, de Nova Iorque, e no ano seguinte expõe no Instituto de Arte Contemporânea de Londres. A televisão sueca produz um filme sobre a sua obra, em 1967. Outros dois filmes são produzidos em 1968, um pela Fundação Maeght realizado por Clovis Prévost, e outro televisão checa. De 1974 a 1980 alguns dos mais importantes museus de arte contemporânea da Europa, Estados Unidos e Canadá mostram exposições retrospectivas da sua obra. No ano seguinte é nomeado Doutor Honoris Causa pelo Royal College of Art de Londres. As suas exposições são disputadas pelas principais galerias nos últimos anos, com relevo para a Galeria Maeght Lelong, de Paris, onde expõe regularmente todos os anos. E agora foi a vez da Galeria Fluxus, no Porto...



## DO MOVIMENTO, DA TRANSFORMAÇÃO

ID cometeu, involuntariamente, uma inexactidão ao atribuir ao arquitecto José Morais a autoria da recuperação dos interiores da Galeria Fluxus.

Na verdade a recuperação foi da responsabilidade de Paulo Lobo e José Barbosa, e foi efectuada para a loja de mobiliário contemporâneo de que eram proprietários, no mesmo local, em período exactamente anterior ao da inauguração da Galeria.

Iguilmente ao escrever-se, no início do artigo em referência, está associada à famosa Lelong não se pretendia significar a existência de uma sociedade comercial mas um protocolo de intercâmbio.

Feitas as rectificações devidas, ID apresenta as suas desculpas.

R. DE MIRAGAIA, 97  
4050-385 PORTO

[www.paulolobo.com](http://www.paulolobo.com)

PAULOBOL